

XXIV Reunião Brasileira de Antropologia Nação e Cidadania



Programa e Resumos

12 a 15 de junho de 2004
Centro de Convenções de Pernambuco
Olinda - Pernambuco - Brasil

ABA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE ANTROPOLOGIA

DIRETORIA 2002 - 2004

Presidente

Gustavo Lins Ribeiro (UnB)

Vice-Presidente

Antonio Carlos de Souza Lima
(MN/UFRJ)

Secretário

Henry T. Barretto Filho (UnB)

Secretária Adjunta

Carla Coelho Andrade
(Consultora independente, DF)

Tesoureira

Carla Costa Teixeira (UnB)

Tesoureiro Adjunto

Manuel Ferreira Lima Filho
(IGPA/UCG)

Diretoras

Carmen Silvia Rial (UFSC)

Lilia Moritz Schwarcz (USP)

Maria do Carmo Brandão (UFPE)

Maristela de Paula Andrade (UFMA)

COMISSÃO ORGANIZADORA - UFPE/ PPGA/ 24RBA

Organização Geral

Maria do Carmo Brandão

Co-Organização Geral

Renato Monteiro Athias

Antonio Motta

Bartolomeu F. Medeiros

Carlos Sandroni

Danielle Perin Rocha Pitta

Judith Chambliss Hoffnagel

Maria Aparecida Lopes Nogueira

Peter Schröder

Roberta Bivar Campos

Rosilene Alvim

Russell Parry Scott

Saete Cavalcanti

Tânia Kaufman



uma instância apropriada para o diálogo interdisciplinar, reunindo pesquisadores, programas e órgãos diferentes com o objetivo de explicar os processos sócio-históricos pertinentes às sociedades indígenas desde as primeiras ocupações humanas.

Arqueologia no Médio São Francisco

Jacionira Coelho - Pós-Arqueologia, UFPE

Este trabalho apresenta o processo de ocupação da área do Médio São Francisco e os momentos de maior impacto observados. Registra-se o período de transformações culturais observadas nas estruturas arqueológicas, com o uso de novas tecnologias e práticas sociais, como o enterramento dos mortos em ritual elaborado e, por último, a fase do contato com o europeu, modificando as relações sociais dos habitantes nativos. A área foi ocupada por populações pré-históricas, cujos vestígios foram consignados como pertencentes a uma tradição de artefatos líticos, denominada Itaparica. As modificações culturais das sociedades autóctones foram uniformizadas pela persuasão das armas da Casa da Torre ou da catequese, sob a ação de entradistas, vaqueiros e missionários. Tiveram como resultado o amálgama cultural, que no sertão tomou uma feição própria, e a implantação dos primeiros núcleos urbanos no Nordeste.

O Forte de Orange

Marcos Albuquerque - Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio, UFPE

Veleda Lucena - Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio, UFPE

Interesses holandeses e portugueses disputavam o controle do canal de Santa Cruz, na Ilha de Itamaracá. Esta via fluvial, conectada ao mar, permitia o acesso às principais terras produtivas da colônia. Em 1631, os holandeses construíram um forte de terra na entrada sul deste Canal, objetivando controlar este importante acesso. Após a retirada dos holandeses do Brasil, em 1654, os luso-brasileiros reocuparam o local e construíram o Forte de Santa Cruz, este em pedra. Embora se dispusesse de alguma iconografia, nada se conhecia do forte holandês. A pesquisa arqueológica revelou parte do cotidiano dos dois fortes com aproximadamente 400.000 peças de diferentes origens, além de vários elementos construtivos que contribuíram para um melhor entendimento da história comum a Portugal, Holanda e Brasil.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. O Forte Orange. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA: NAÇÃO E CIDADANIA, 24., 2004, Olinda. **Resumos...** Recife: Associação Brasileira de Antropologia, 2004. p. 73.